



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADA E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LILIANE GOMES BARBOSA

**TRABALHO EDUCATIVO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: AÇÃO DOCENTE NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY/UFPB**

MAMANGUAPE-PB

2023.1

LILIANE GOMES BARBOSA

**TRABALHO EDUCATIVO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: AÇÃO DOCENTE NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY/UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, como
pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite.

MAMANGUAPE-PB

2023.1

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B238t Barbosa, Liliâne Gomes.

Trabalho educativo em espaço não escolar : ação docente no hospital universitário Lauro Wanderley/UFPB / Liliâne Gomes Barbosa. - Mamanguape, PB, 2023. 50 f.

Orientação: Ivonaldo Neres Leite.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Trabalho docente. 2. Classe hospitalar. 3. Pedagogia. I. Leite, Ivonaldo Neres. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 37

LILIANE GOMES BARBOSA

**TRABALHO EDUCATIVO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: AÇÃO DOCENTE NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY/UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, como
pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite.

Aprovada em: 13/11/2023

BANCA EXAMINADORA



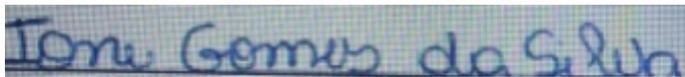
Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite

(Orientador - Universidade Federal da Paraíba - UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br FRANCISCA TEREZINHA OLIVEIRA ALVES
Data: 26/11/2023 19:07:25-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves

(Examinadora 1 - Universidade Federal da Paraíba - UFPB)



Profa. Doutoranda Ione Gomes da Silva

(Examinadora 2 - PPGE - UFPB)

MAMANGUAPE-PB

2023.1

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus. Desde a minha gestação. Sempre tive motivos para ter fé e não duvidar da Sua bondade. Portanto, agradeço por sempre me proteger e me guiar.

Agradeço ao meu Professor Orientador Ivonaldo, pela incrível paciência e por ter me ajudado a finalizar esse trabalho.

Agradeço ainda mais a minha querida mãe. A senhora fez muito mais por mim do que dar à "luz". Lhe dou todos os créditos por toda coragem que herdei. A senhora é meu tudo.

Não poderia esquecer das minhas queridas amigas Aline, Bruna, Maria Elaine, Paula, Rosicleide, Roberta e Suênia. Nos unimos desde o início do curso e seguimos juntas. Tenho muito a agradecer a vocês, que me ajudaram a suportar todo esse processo. Vocês são incríveis e foram um presente que a faculdade me proporcionou.

No mais, tenho inúmeros motivos para agradecer. Devido à emoção e para não me alongar, não me estenderei mais. Mas não poderia me esquecer de citar os meus dois sobrinhos, José Vithor e Ravi Lucas. Vocês dois são e sempre serão o motivo para o meu sorriso mais sincero.

Gratidão!

“A presença dos sonhos transforma os miseráveis em reis, e a ausência dos sonhos transforma milionários em mendigos”.

(Augusto Cury)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTUALIZANDO A CLASSE HOSPITALAR	15
1.1 Continuidade das práticas educativas no espaço hospitalar.....	18
1.2 Ética profissional fora dos muros da escola.....	21
1.3 Orientações do MEC sobre as classes hospitalares.....	24
2 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO	27
2.1 A docente e a classe hospitalar.....	29
2.2 Atuação da docente no espaço hospitalar.....	33
2.3 Planejamento das atividades.....	42
2.4 Inferências analíticas da pesquisadora.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	51

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

EBSERH	Rede de Hospitais da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
EFPBV	Escola de formação de professores de Boa Vista
GEP	Gerência de Ensino e Pesquisa
HULW	Hospital Universitário Lauro Wanderley
MEC	Ministério da Educação e do Desporto
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UGETE	Unidade de Gerenciamento de Atividades de Graduação, Ensino Técnico e Extensão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	36
Figura 2	38
Figura 3	39

RESUMO

O presente trabalho situa-se no campo dos estudos da educação não escolar. Mais precisamente, ocupa-se do trabalho docente no espaço hospitalar. Tem como objetivo geral investigar como é desenvolvido o trabalho docente no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW)/UEPB com as crianças internadas. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, a qual foi desenvolvida através de observação participante, análise documental e realização de entrevista biográfica. Do ponto de vista do referencial teórico-analítico, foram categorias norteadoras, por exemplo, trabalho docente, classe hospitalar e pedagogia como ciência da educação. No que se refere aos resultados, constatou-se, por exemplo, que: 1) o trabalho docente no HULW contribui com o acolhimento humanizado de crianças internadas; 2) o trabalho docente na referida instituição é exitoso em assegurar a continuidade dos estudos das crianças hospitalizadas, sendo uma ponte para o retorno à escola após receberem alta; 3) verifica-se, no HULW, a necessidade de estruturação e consolidação da ambiência mais propriamente demandada pela classe hospitalar.

Palavras-chave: Trabalho docente. Classe hospitalar. Pedagogia.

ABSTRACT

This work is located in the field of non-school education studies. More precisely, it deals with teaching work in the hospital space. Its general aim is to investigate how teaching work is carried out at the Lauro Wanderley University Hospital (HULW)/UFPB with children who are hospitalized. Methodologically, it was a qualitative research, which was developed through participant observation, documentary analysis and biographical interviews. From the point of view of the theoretical-analytical framework, the guiding categories were, for example, teaching work, hospital classes and pedagogy as a science of education. Regarding the results, the following was found, for example: 1) teaching work at HULW contributes to the reception of hospitalized children; 2) teaching work in such an institution is successful in ensuring the continuity of studies of hospitalized children, being a bridge for their return to school after being discharged; 3) at the HULW, there is a need to structure and consolidate the ambience more properly demanded by the hospital classroom.

Keywords: Teaching work. Hospital class. Pedagogy

INTRODUÇÃO

Atualmente é reconhecido que a atuação do docente não é limitada somente à instituição escolar, porém, ainda não se tem discussões amplas ou divulgação de pesquisas em que se evidencie o trabalho do professor fora da escola, onde se mostre, por exemplo, que o espaço hospitalar não é uma esfera exclusiva apenas dos profissionais da saúde.

O Ministério da Educação e do Desporto (MEC) reconhece o atendimento em classes hospitalares desde 1994. Contudo, ao pesquisar sobre trabalhos publicados na área, os resultados são escassos, e menores ainda quando se busca trabalhos sobre a atuação docente no espaço hospitalar. Como consequência da escassez de pesquisas sobre esse tema, os indivíduos que necessitam desse suporte educacional enquanto se mantêm afastados do espaço escolar, em situação de internamento, permanecem na ignorância do seu direito de continuarem os estudos.

A escassez de abordagens sobre a atuação docente no espaço hospitalar foi o que me motivou a escolher esse tema para a pesquisa, sendo um interesse pessoal, profissional e acadêmico.

No contexto do interesse pessoal é devido ao fato de que, enquanto ainda estudante do Ensino Médio, sempre tive a pretensão de ser voluntária em hospitais, principalmente os com atendimento a crianças. Por esse motivo, tive a curiosidade de pesquisar quais os profissionais que atuavam em hospitais com esse público. Por meio do Google, descobri que pedagogos podem atuar na área da saúde, e isso me levou a fazer opção pelo Curso de Pedagogia.

Sobre o interesse profissional, vi a oportunidade de, por meio desta pesquisa, aprender com a prática da professora atuante em hospital, o que, até então, só tinha noção na teoria. Assim, para a minha formação profissional, busquei compreender como os conceitos se aplicam no ambiente de trabalho, procurando entender as nuances e desafios nessa área de atuação.

Enquanto acadêmica do Curso de Pedagogia, pretendo contribuir, através desse trabalho, com as discussões referentes ao espaço que os educadores podem ocupar fora da escola, especificamente as classes hospitalares. De forma que traga notoriedade à essa área de pesquisa. E dessa maneira, colegas do Curso sintam-se estimulados para atuar nesse campo.

É importante ressaltar que o propósito de dar notoriedade a esse tema não é só para valorizar mais os pedagogos, mas também para que o direito de continuidade de estudos em situação de internamento se consolide. A pesquisa nessa área é necessária para que docentes e todos que tenham interesse na educação conheçam como é desenvolvido o trabalho educacional no espaço hospitalar. E caso não seja utópico, que pesquisas sobre esse tema possam resultar em parcerias de municípios e estados para criar mais classes hospitalares.

Inclusive, destaco a importância de pesquisa sobre esse tema, pois foi por meio do trabalho publicado da professora atuante no Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB (HULW) que obtive conhecimento da existência de uma classe hospitalar na Paraíba, posto que os levantamentos sobre classes hospitalares se encontram desatualizados, não constando o funcionamento da classe hospitalar no HULW.

Por causa do desejo de trazer notoriedade a essa temática, a docente do HULW publicou um trabalho sobre seu relato de experiência, no qual a mesma afirma em suas considerações finais que “Por isso, recomenda-se novas pesquisas relacionadas ao tema, que possam aprofundar e auxiliar a propagar maiores conhecimentos educacionais” (Bezerra, 2023, p. 3033).

Desse modo, entrei em contato com a mesma através do email disponível em seu trabalho publicado, me apresentando como estudante do curso de Pedagogia do Campus IV e informando do meu interesse na área. Assim, a professora me incentivou a fazer uma visita para lhe conhecer pessoalmente e me explicar como é desenvolvido seu trabalho. Após esse primeiro contato, afirmei o interesse em realizar a minha pesquisa, e como coordenadora da classe hospitalar a mesma me acompanhou e proporcionou a possibilidade de desenvolver o referido trabalho.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como é desenvolvido o trabalho docente no Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB com as crianças hospitalizadas. Os objetivos específicos são os seguintes: Conhecer o perfil dos pacientes-estudantes, identificar as orientações do MEC sobre a atuação do educador no espaço hospitalar e compreender as atividades que a professora desenvolve com as crianças hospitalizadas.

Para a realização da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, considerando que esse método proporciona a proximidade do pesquisador para alcançar os objetivos propostos. Como Minayo (2001, p.21-22) pontua que a

pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Do ponto de vista do levantamento do material empírico, foi feita observação participante, levando a pesquisadora a uma imersão no espaço hospitalar para compreender como o trabalho docente é desenvolvido, sendo também realizada análise documental e uma entrevista biográfica (história de vida) com a docente responsável pelo ensino no HULW.

Fez-se uso da entrevista biográfica para que, juntamente da análise documental, resultasse na reflexão de como é desenvolvido o trabalho docente e como foi a formação continuada da professora atuante no hospital. Desse modo, a entrevista biográfica como afirma Gomes (2008, p. 2) “(...) não se trata de utilizar o enfoque biográfico para re-constituir a memória histórica, mas sim de chegar ao vértice cognitivo da ação social”. Sendo assim, esse método de entrevista permitiu à pesquisadora identificar e refletir sobre o desenvolvimento da prática da professora, assim como o surgimento e superação dos desafios da educação no espaço não formal.

Referente à estrutura dos capítulos, no primeiro, será apresentada a criação das classes hospitalares e a justificativa para sua origem. Além disso, constará o embasamento teórico para compreender a necessidade de dar continuidade às práticas educativas das crianças hospitalizadas, a reflexão sobre a ética profissional do docente nesse contexto e as orientações do MEC referentes à estrutura da classe hospitalar, assim como o que é necessário para a atuação do professor nesse contexto.

O segundo capítulo se ocupa da dimensão empírica do estudo, tratando dos resultados da pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, é enfatizada, entre outras coisas, a necessidade de continuidade dos estudos sobre o tema abordado neste trabalho.

1 CONTEXTUALIZANDO A CLASSE HOSPITALAR

No Brasil, a constituição garante que a educação é um direito de todos, sendo o ensino básico obrigatório, o que politicamente é benéfico para o país que a sua população seja bem instruída, buscando o desenvolvimento econômico e tecnológico, assim, socialmente o ensino é visto como uma qualificação de trabalho, em que de acordo com o grau de estudo se terá mais oportunidades de trabalho, resultando em uma “melhor” qualidade de vida.

É por acreditar neste resultado que popularmente é dado o conselho que se deve estudar para ser alguém na vida, nas camadas mais pobres da sociedade a educação é vista como uma oportunidade de melhoria de vida no sentido financeiro e o reconhecimento, quando o indivíduo terá voz na sociedade e pode lutar por seu povo.

Desta forma, quando a criança/adolescente em fase de escolarização precisa ser hospitalizado é como se seus sonhos estivessem sendo destruídos, posto que enquanto a escola (para a população) é um local que viabiliza um futuro, o hospital é marcado como um retrocesso, em que independente do tempo de permanência no mesmo é motivo de pavor entre as pessoas, posto que é um local considerado desagradável e depressivo.

Embora o hospital seja um local para tratamento, e sua preocupação seja com a saúde dos hospitalizados, não se pode privar os estudantes em período de internação de ter acesso à educação. Portanto, esse ambiente deve proporcionar ao indivíduo não só o seu retorno sadio à sociedade, mas que o mesmo possa dar continuidade aos seus estudos sem sequelas do seu período de internamento no hospital. Foi o reconhecimento dessa necessidade que deu origem às classes hospitalares.

Oliveira (2015) realizou uma pesquisa bibliográfica em que apresenta a história das classes hospitalares. Em seu levantamento, foi identificado que o marco decisório do atendimento pedagógico hospitalar foi na França, após a Segunda Guerra Mundial, por causa das inúmeras crianças e adolescentes mutiladas e feridas, que ficaram internadas por um longo período. Resultando assim na percepção da importância de dar continuidade aos estudos dessas crianças.

Não se sabe ao certo quem realmente iniciou as classes hospitalares, mas quem tem notoriedade na história delas e é reconhecido em muitas fontes, é Henri

Sellier, um médico francês que já era conhecido por ter fundado uma escola de enfermagem com curso de dois anos para mulheres que desejavam se tornar enfermeiras. Em 1935 em Paris, o mesmo sentiu a necessidade de criar as classes hospitalares, pois Sellier notou que, além dos ferimentos e traumas causados pelo período de internação, as crianças também teriam sua aprendizagem prejudicada devido ao longo período de afastamento escolar, e, dessa forma, após o sucesso da implantação das classes hospitalares elas foram difundidas em vários países.

Seguindo o levantamento de Oliveira (2015), no Brasil há registros que em 1600 (ainda no Brasil Colônia), havia atendimento escolar aos deficientes físicos na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo, porém só em 1950 é que se reconhecem oficialmente as classes hospitalares, sendo o seu atendimento pedagógico no Hospital Municipal Jesus no Rio de Janeiro, que foi solicitado pelo Diretor do Hospital na época, David Pillar.

Quando iniciou as atividades o hospital possuía 200 leitos e em média 80 crianças internadas e apenas uma professora para lecionar, as aulas aconteciam nas próprias enfermarias, as atividades eram preparadas de acordo com as informações preliminar das crianças, procurando saber o que elas estavam aprendendo e o que já sabiam.

Em 1958, após muita reivindicação e considerando a grande demanda das crianças hospitalizadas, entrou no quadro de funcionários mais uma docente, totalizando em duas para realizar os atendimentos às crianças hospitalizadas, que eram realizados nas enfermarias.

O reconhecimento oficial das classes hospitalares foi por meio do Hospital Municipal Jesus, porém, o Hospital Barata Ribeiro também no Rio de Janeiro, possuía classes hospitalares sem saber da existência do atendimento em outro hospital. As responsáveis das classes hospitalares ao terem conhecimento do trabalho de ambas, se uniram para solicitar uma unificação das classes hospitalares. Por conta disso, a classe hospitalar passa a ser uma Unidade Escolar de regime próprio denominada como: Classe em Cooperação Hospitalar Jesus. Após algumas mudanças no quadro de funcionários e organização do hospital, as classes hospitalares foram recebendo mais notoriedade do governo, possibilitando assim que mais estados tivessem conhecimento sobre esses atendimentos hospitalares.

Portanto, compreende-se que a necessidade da criação de classes hospitalares ocorreu devido à grande quantidade de crianças hospitalizadas. O que

significa um grande atraso para o país se levar em consideração que os jovens são o futuro da nação, posto que eles que darão continuidade a sociedade, sendo assim em seu período de internação esses jovens não só teriam um atraso intelectual, mas também social.

A classe hospitalar tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, principalmente pelo fato de que seres humanos são totalmente seres sociais, o que significa que a exclusão os deixa ainda mais doentes, sendo assim Ceccim (1999, p.42) destaca:

Se o relacionamento com a doença infantil, ou mesmo com a criança enferma, é mediado pela emergência de atenção às demandas biológica e psicológica da criança, uma outra dimensão destaca-se à escuta pedagógica do desenvolvimento infantil: a dimensão vivencial. [...]a inclusão do atendimento pedagógico na atenção hospitalar, inclusive no que se refere à escolarização, vem interferir nessa dimensão vivencial porque resgata os aspectos de saúde mantidos, mesmo em face da doença, enquanto respeita e valoriza os processos afetivos e cognitivos de construção de uma inteligência do estar no mundo e inventar seus problemas e soluções.

A dimensão vivencial é um aspecto importante a ser discutido e deve ser valorizado, pois é por meio da mesma que o indivíduo se relaciona com a sociedade e constrói sua personalidade, significando que a estadia no hospital irá interferir diretamente na construção de sua personalidade e capacidade de interação com outras pessoas. Além disso, a criança aprende melhor quando é estimulada a explorar/questionar seu ambiente e experimentar o mundo ao seu redor.

No contexto hospitalar significa proporcionar à criança a oportunidade de compreender o que está acontecendo em sua atual condição, ter consciência da sua perspectiva de melhora e o que pode ser feito para contribuir nesse processo de cura e retorno a sua vida pós-hospitalização. Isso é comprovado com a pesquisa realizada por Ceccim (1999, p.44) com dois grupos, um com intervenção pedagógico-educacional e um grupo sem o atendimento, que apresenta o seguinte resultado:

(...)detectou-se que o tempo de hospitalização das crianças que participaram do grupo de intervenção foi 30% mais curto do que para as crianças que não receberam atendimento semelhante (grupos-controle). O atendimento sistemático proporcionado a essas crianças contribuiu para um melhor desenvolvimento delas. A

possibilidade de saída do leito, bem como a proposição de atividades motivadoras e a observação de que outras crianças também vivenciam tais experiências, contribuiu para um melhor desenvolvimento e a mais rápida recuperação de saúde das crianças que participaram do mesmo.

Esse resultado obtido por Ceccim evidencia que a participação do professor é essencial nesse processo de cura durante a internação, sendo então indispensável que a educação e saúde trabalhem juntas, em busca de proporcionar ao hospitalizado o processo de se tornar humano. A partir da classe hospitalar, é desenvolvido um novo termo, Pedagogia hospitalar, sendo este um conceito mais amplo, que compreende a escolarização das crianças a partir de uma nova dinâmica educativa. Matos e Mugiatti (2009, p.85) justificam tal denominação como:

Verificada a necessidade da existência de uma práxis e uma técnica pedagógica nos hospitais, confirma-se a existência de um saber voltado à criança/adolescente num contexto hospitalar envolvido no processo ensino-aprendizagem, instaurando-se aí um corpo de conhecimentos de apoio que justifica a Pedagogia Hospitalar.

Assim, ao falar sobre classe hospitalar, também se fala de Pedagogia Hospitalar, posto que o objeto de estudo da Pedagogia é a educação, e o seu objetivo é promover o desenvolvimento humano, fazendo jus ao significado da palavra pedagogia que tem origem grega e vem do termo “paidós” (criança) e “agogé” (condução). É por esse motivo que se espera que o docente atuante na classe hospitalar seja o Pedagogo, é nessa “condução” que se precisa compreender a influência desse professor no continuar das práticas educativas.

1.1 Continuidade das práticas educativas no espaço hospitalar

O desconhecimento de que um Pedagogo pode atuar no ambiente hospitalar faz com que se acredite que o hospital seja um local voltado apenas para profissionais da saúde. Além disso, experiências negativas no espaço escolar podem resultar em um incômodo por parte do hospitalizado com a possibilidade de dar continuidade aos estudos no seu período de internação. Posto que uma grande parte da população descreve o processo do ensino como algo exaustivo, resultando na recusa dos indivíduos de permitir que o docente trabalhe com os mesmos, outro

motivo para rejeitar o atendimento pedagógico é por acreditar que esse espaço não é para o professor.

Mas isso muda no momento que o educando se sente excluído da sociedade e ver a educação como um direito de uma pessoa saudável, como pontua Holanda e Collet (2012, p.39) “O tema escolarização representa o resgate da autoestima para aqueles que estão hospitalizados e aparece como uma referência à vida normal e à identidade daqueles que são saudáveis e, portanto, estão fora do hospital”.

No contexto de compreender o porquê que o professor se encontra no espaço hospitalar que Fontes (2005, p.135) destaca,

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos de pedagogia hospitalar.

Sendo assim, no espaço hospitalar o educador deve compreender que o seu papel vai além de ensinar conteúdos, e deve-se ter consciência que o período de internação, por diversos motivos, causa espanto não só ao educando, mas também à sua família.

A necessidade de permanecer no hospital tira o indivíduo da sua rotina e zona de conforto, causando estranheza e medo do desconhecido, preocupação com o tempo que será necessário permanecer naquele local, receio se compreendeu a gravidade de sua doença, e o estresse/agressividade gerado pela falta de conhecimento das informações apresentadas pelos profissionais da saúde. Destacando assim a afirmação de Matos e Mugiatti (2009, p.72),

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz maior vigor às forças vitais da criança (ou adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, induzindo-o a se tornar mais participante e produtivo, com vistas a uma efetiva recuperação.

Portanto, a continuidade de suas práticas educativas incentiva a criança a compreender as informações que até o momento são desconhecidas, sendo este um incentivo para o mesmo, proporcionando um estímulo comum que acontece na escola, em que o aluno faz novas descobertas e que é essencial para o seu desenvolvimento cognitivo. Além disso, o ensino no ambiente hospitalar causa um

sentimento de pertencimento, pelo efeito da continuidade a realidade externa, no qual o afastamento causa um impacto negativo como notou Ferreira et al. (2015, p.644) em sua pesquisa,

Observou-se que essa experiência hospitalar tende a provocar maior impacto negativo quando ocorre o total afastamento da criança e do adolescente do processo de ensino-aprendizagem escolar, pois a escola e as atividades educativas se mostraram como de grande representatividade para essas pessoas, por serem algo bastante prazeroso e gerador de novos conhecimentos.

A conexão de sentir-se pertencente a algo é importante para o bem-estar físico e mental do educando, pois desse modo o mesmo se sentirá feliz, saudável e confiante, além disso o hospital pode causar sintomas de ansiedade com a rotina de realizar exames e aguardar os resultados, o qual o ensino lhe dar um sentimento de propósito. A compreensão desse sentimento de pertencimento é identificado por Ceccim (1999, p.44) durante sua investigação com um grupo de crianças hospitalizadas, o qual afirma “Parece-me que, para a criança hospitalizada, o estudar emerge como um bem da criança sadia e um bem que ela pode resgatar para si mesma como um vetor de saúde no engendramento da vida, mesmo em face do adoecimento e da hospitalização”.

Fonseca (1999, p.126) declara

A oferta de atividades recreativas e/ou lúdicas no ambiente de internação hospitalar é crucial ao enfrentamento do adoecimento e à aceitação positiva do tratamento, mas não substitui a necessidade de atenção pedagógica-educacional, pois seu potencial de intervenção é mais específico, mais individualizado e volta-se às construções cognitivas e à construção do desenvolvimento psíquico.

É necessário considerar esse apontamento de Fonseca, posto que, mesmo tendo consciência da rotina cansativa que o aluno estará enfrentando no hospital e que o educador precisa ter empatia, a educação no espaço hospitalar não deve ser realizada sem planejamento, sem considerar a necessidade real do seu público. Mesmo utilizando da ludicidade para que o ensino seja mais atrativo ao alunado, é preciso não esquecer que o mesmo precisa de uma educação de qualidade, a qual Libâneo (2001, p.167) define como:

Educação de qualidade é aquela em que a escola promove *para todos* o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania (inclusive como poder de participação), tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

À vista disso, o educador não pode esquecer do seu compromisso de formar um cidadão ativo na sociedade, tendo assim o cuidado de realizar um planejamento com atividades que contribua de fato com o desenvolvimento de aprendizagem do aluno, desenvolvendo assim sua criticidade.

De modo que como dito anteriormente, a educação seja seu propósito de maneira que o mesmo e sua família possa ter perspectiva de um futuro fora do hospital, evitando assim o abandono escolar justificado por falta do desenvolvimento intelectual ou a preocupação com a condição física da criança, como notou Holanda e Collet (2012, p.40) em sua pesquisa que “As preocupações com as questões orgânicas e com as hospitalizações assumem tanta importância que os pais, muitas vezes, não encontram alternativas capazes de reinserir a criança nas aulas, resultando no abandono escolar”.

Considerando que o professor terá que lidar com as preocupações dos pais, da criança e trabalhar de forma conjunta com os demais profissionais do hospital, faz-se necessário discutir sobre a ética do educador fora do espaço escolar.

1.2 Ética profissional fora dos muros da escola

O trabalho do professor no contexto escolar já não é considerado fácil, posto que, não raramente, o professor é cobrado por pais, direção escolar e outros sobre o que é ou não de sua responsabilidade, o que significa que, na escola, há muita cobrança sobre os educadores, exigindo assim que ele esteja constantemente refletindo sobre qual o caminho ético para lidar com as necessidades que lhe são exigidas. Portanto, Macedo, Caldas e Fonte (2017, p.177) definem o que é essa ética:

Em tom de resumo, a ética é atitude reflexiva consciente para a melhor tomada de decisão, com vistas a se chegar aos melhores resultados em contextos práticos da vida. Nessa mesma linha

conceitual, a ética profissional é o preparo reflexivo para lidar com situações de ordem ética no espaço de trabalho.

No espaço hospitalar, o professor precisa continuar com sua autoridade de educador, sabendo qual o seu papel e sua importância neste ambiente, porém, ao refletir de forma crítica nas situações que necessitam de sua postura ética, o mesmo deve considerar que, nesse ambiente, ele não é a única autoridade, o que significa que suas decisões precisam ser em conjunto com os demais profissionais da área, como afirma Matos e Mugiatti (2009, p.101)

Sabe-se, também, da importância da comunicação e do diálogo entre os elementos das equipes no ambiente hospitalar. Reitera-se, aqui, a imperiosa necessidade de observação e ação integrada de todos os aspectos conflitantes que particularizam cada caso, como também da necessidade do encontro dos profissionais em linguagem comum, para as respectivas discussões, considerando o indivíduo em sua totalidade.

Considerando o bem-estar do aluno, ao realizar o planejamento de aulas também deve refletir se é apropriado para o ambiente, levando em consideração as possíveis interrupções por parte dos acompanhantes do hospitalizado, que querendo o melhor para o aluno, irá querer entender as práticas pedagógicas do educador.

Desse modo, sabendo que o docente deve aguardar possíveis interrupções e que sua atuação deve ser pautada nos cuidados que as crianças hospitalizadas devem ter, é que Macedo, Caldas e Fonte (2017, p.180) destacam o seguinte: “(...)a ética profissional deverá ser humanizada, ou seja, aquela que contemplará uma boa convivência entre todos, a fim de que a vida seja dignificada, e em que, no espaço educacional, tenha-se como fim a aprendizagem significativa”.

Macedo, Caldas e Fonte (2017), ao citarem o conceito de aprendizagem significativa, fazem referência a Ausubel (1982), que propõe que os conhecimentos prévios sejam valorizados. Sendo assim, em sua prática, o educador deve reconhecer que o aluno não é uma página em branco, que o mesmo possui saberes prévios e expectativas referentes aos resultados que se espera da atuação pedagógica no ambiente hospitalar.

Portanto, a aprendizagem significativa deve fazer parte do senso ético do profissional atuante, estando assim comprometido com o aluno para uma rápida recuperação e compreendendo qual o papel da educação nesse contexto. Nota-se a relação da ética com essa aprendizagem na experiência de Fontes (2005, p.135)

“Constatarei que, enquanto professores, precisamos estar atentos para como significamos as ações e atitudes do outro que afetam não só as emoções e visões de mundo, mas também a constituição de si”.

Nesse processo de hospitalização, o aluno quer ser ouvido, o mesmo sente a necessidade de se expressar e se sentir relevante, buscando de forma inconsciente abandonar o papel de paciente, objetivando entender seu estado de saúde, se tornando ativo e consciente, por isso que a educação nesse espaço vai além da necessidade de dar continuidade ao conteúdo da escola, evidenciando que é inviável trabalhar no improvisado, sem conhecer o perfil do aluno e suas necessidades individuais enquanto aluno e paciente. Silva e Andrade (2013, p.63) define que,

A educação no espaço hospitalar tende a humanizar o atendimento de reabilitação da saúde da criança hospitalizada, pois promove uma interação paciente-equipe médica-família-profissionais da educação em que é possível criar um diálogo entre os sujeitos contribuindo, no estado biopsicossocial da criança.

O educador deve se colocar em uma posição de constante avaliação e, no caso do pedagogo, como um cientista da educação (Leite, 2007), de modo que não perca sua identidade profissional, buscando métodos diferenciados da sala de aula normal, para evitar o estresse que já é comum em um ambiente como o hospital, porém, o professor não pode recorrer apenas ao lúdico.

Quando a ludicidade é a única metodologia utilizada corre o risco de o docente ser confundido com um recreador, como foi constatado na pesquisa de Holanda e Collet (2010), em que mesmo existindo um trabalho coordenado por profissionais da área da educação, as famílias que foram entrevistadas não identificaram um acompanhamento do currículo escolar.

Identifica-se assim que o lúdico ainda é muito ignorado por pessoas que não são da área da educação, considerado como brincadeira e perda de tempo. Portanto, o professor no contexto hospitalar, precisa evidenciar para os pais a importância do recurso lúdico para o processo do desenvolvimento da criança, no qual o mesmo contribui no seu processo de escolarização e socialização (contribuindo também para o bom humor). É necessário manter um diálogo com os pais e evidenciar a sua metodologia de trabalho, para que o mesmo compreenda como é desenvolvido o trabalho pedagógico e assim perca o medo do período que o aluno passa afastado da escola.

Com o resultado de sua pesquisa Holanda e Collet (2010, p.385) defendem que,

A atividade pedagógica, nesse espaço, [hospital] exige dos professores envolvidos maior flexibilidade, por se tratar de uma clientela que se encontra em constante modificação, tanto em relação à quantidade, faixa etária e duração da internação, quanto ao fato de serem crianças e jovens com diferentes patologias, requisitando diferentes intervenções. Logo, não existe uma receita pronta, mas sim um desafio de se traçar percursos individualizados. Para tanto, é preciso uma prática pedagógica emancipatória, com princípios, métodos e avaliações diferenciadas da escola tradicional.

Dessa maneira é preciso entender quais as recomendações do Ministério da Educação e do Desporto (MEC) e as orientações da legislação educacional sobre o funcionamento das classes hospitalares e a atuação do professor/pedagogo.

1.3 Orientações do MEC sobre as classes hospitalares

A criança hospitalizada, assim como qualquer outra, tem direito à educação gratuita, sendo ela também obrigatória, logo, mesmo a criança tendo que ficar hospitalizada ela está resguardada pela lei 13.716/18 Art. 4º-A que decreta

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da Educação Básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (Brasil, 2018).

A lei que estabelece o direito à continuidade de ensino da criança foi aprovada em 2018, porém, desde 1994, que o atendimento em classes hospitalares foi reconhecido pelo Ministério de Educação e do Desporto (MEC) o qual elaborou o documento “Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: orientações e estratégias” no ano de 2002. Aqui serão destacadas as principais orientações para o funcionamento das classes hospitalares e quais as recomendações para a atuação dos professores.

Referente ao ambiente, é possível identificar a preocupação com um espaço que proporcione ao aluno, uma prática com a possibilidade do desenvolvimento de tornar “humano”. Em que define, “Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovens

e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais” (Brasil, 2002, p.15-16).

Além disso, o documento que o MEC elaborou permite o atendimento na enfermaria ou no leito, respeitando assim a condição clínica do aluno ou o seu tratamento, reconhecendo que mesmo disponibilizando de um ambiente adequado, ao depender da doença do aluno o mesmo fica impossibilitado de frequentar uma classe hospitalar, mas que é dever do professor dá continuidade ao atendimento independentemente do local.

Nos aspectos pedagógicos fica definido:

O atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento correspondentes à educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos. (Brasil, 2002, p.17).

Assim, pode-se concluir que, diferente do ensino regular em que a educação é voltada para preparar o aluno para o mercado de trabalho, a classe hospitalar busca compreender e identificar a realidade/necessidade do aluno, de modo que desenvolva a sua criticidade, colabore na sua recuperação e retorno à sociedade, em que o professor estará trabalhando em conjunto com os demais setores para poder resguardar o direito da criança de sua continuidade das práticas pedagógicas.

Define-se também que “(...) compete ao sistema educacional e serviços de saúde, oferecerem assessoramento permanente ao professor, bem como inserí-lo na equipe de saúde que coordena o projeto terapêutico individual” (Brasil, 2002, p.18).

Portanto, para o professor atuar neste espaço, além de precisar ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou curso de Pedagogia ou licenciaturas e ter noções sobre as doenças e necessidades dos seus alunos, o mesmo em sua atuação deve:

(...) estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. (Brasil, 2002, p.22)

Baseado nisso, fica evidente que o professor que esteja disposto a trabalhar na classe hospitalar deve seguir com sua formação continuada, buscando sempre novas práticas para trabalhar nesse ambiente, e se pautar em uma atuação de reflexão-ação, sem esquecer que suas atividades devem ser colaborativas e humanizadas.

Em síntese, a análise do contexto da criação de classes hospitalares é necessária para compreender o impacto da continuidade da educação na vida das crianças que se encontram hospitalizadas. De modo que se entenda que a educação proporciona ao aluno autonomia e colabora no seu processo de cura, refletindo assim o quão importante é o ensino na vida do estudante dentro ou fora do ambiente escolar.

Portanto, conhecer a origem das classes hospitalares, compreender a importância da continuidade das práticas educativas das crianças hospitalizadas, assim como ter consciência da ética que o docente deve ter nesse espaço e as orientações do MEC, foram questões que tivemos em atenção. Buscando, assim, alcançar o objetivo geral desta pesquisa, de investigar como é desenvolvido o trabalho docente no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB) com as crianças hospitalizadas, que será o foco do próximo capítulo.

2 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO

O campo de estudo dessa pesquisa foi o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB), localizado no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa.

Para melhor compreensão do campo de estudo, é necessária uma breve apresentação do mesmo. Por meio do relatório de gestão do HU, é possível ter acesso a uma síntese de sua origem e seu objetivo. Sua inauguração oficial foi em 12 de fevereiro de 1980, mas sua constituição é desde os finais da década de 1940. Os jovens médicos Humberto Nóbrega e Lauro Wanderley (o hospital possui seu nome em homenagem ao mesmo) planejavam criar uma escola médica. O motivo da sua inauguração ter sido em 1980 ocorreu devido aos 12 anos de obra do mesmo, tendo-se três reitorados nesse período.

O HULW se configura como hospital-escola e integra à Rede de Hospitais da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) desde 2013. A EBSEHR é uma instituição pública vinculada ao Ministério da Educação, por meio da Lei nº 12.550, sua finalidade é dar prosseguimento ao processo de recuperação dos hospitais universitários federais. Como um hospital-escola, o HULW tem como missão “desenvolver ensino, pesquisa e extensão, aliado a uma assistência integral e de qualidade. Como campo de prática, o HULW visa à excelência da formação de profissionais de saúde e de outras áreas do conhecimento”. (Relatório de Gestão 2022, p.3).

Os serviços de saúde oferecidos pela instituição vão desde média a alta complexidade, sendo no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo ambulatorial e hospitalar. A instituição possui 15 áreas de cuidado, orientadas por diretrizes clínicas que objetivam a condução oportuna e ágil dos pacientes pelas possibilidades de diagnóstico e terapia em resposta às suas necessidades.

O HULW, por fazer parte do Campus I da UFPB, é campo para estágios obrigatórios, visitas técnicas e atividades teórico-práticas, atendendo estudantes de graduação, pós-graduação e de ensino técnico. Por esse motivo, o hospital registra por semestre, em média, 1.200 atividades acadêmicas. Esses registros são referentes às áreas de biomedicina, enfermagem, educação física, farmácia, nutrição, terapia ocupacional, gastronomia, psicologia, psicopedagogia entre outros.

Em suma, a estrutura do hospital permite a realização de pesquisas em diversas áreas do conhecimento; devido a diversidade de setores e serviços oferecidos, a estrutura do hospital é organizada na seguinte maneira: Térreo, Recepção e Administração Geral/HU; 1º andar, Hemodinâmica, bloco cirúrgico, UTI e RIMUSH; 2º andar, Clínica DIP, Clínica Cirúrgica, GEP, CME, Biblioteca; 3º andar, Clínica de Ginecologia e Obstetrícia; 4º andar, em reforma; 5º andar, Clínica Médica A e B; 6º andar, CEROF, CECAE, SAE, Psicologia; 7º andar: Recreação e Clínica Pediátrica (setor em que foi realizada a pesquisa); Cobertura, Academia para práticas de Educação Física.

O hospital-escola não atende apenas os cidadãos de João Pessoa, o mesmo presta serviços a todo o estado da Paraíba. Durante a pesquisa, estavam internados pacientes de alguns lugares como Bayeux, Conde, Sobrado (essa cidade possui um pouco mais de 50 km de distância do hospital), entre outras cidades e interior.

O compromisso do hospital de proporcionar uma condução rápida para dar um diagnóstico ao paciente e atender a tantas regiões se torna um dos motivos para ser um hospital referência da capital da Paraíba, além disso, o mesmo recebeu o prêmio de Hospital Amigo da Criança no ano de 2003. Por ser um hospital de referência, a instituição sempre se encontra sem vagas, no qual ao dar alta aos pacientes já são transferidos outros que se encontram em fila de espera.

O HULW destaca em suas páginas informativas o potencial para realização de pesquisa dada a qualificação de seus profissionais e da comunidade acadêmica que o integra. A instituição oferece oportunidades para que possam ser enviados projetos de pesquisa para serem desenvolvidos no hospital, além de ter toda a explicação de como realizar estágio no mesmo.

A página que contém todas as informações necessárias para se iniciar um projeto de pesquisa ou se vincular para estágios se encontra no seguinte caminho: Acesso ao site gov.br > Hospitais Universitários > Região Nordeste > HULW-UFPB – Hospital Universitário Lauro Wanderley > Ensino e Pesquisa > Setor de Gestão do Ensino (SEGE) > Unidade de Gestão de Graduação, Ensino Técnico e Extensão (UGETE) > Atividades no HULW.

Portanto, conhecendo o hospital que foi campo de estudo desta pesquisa, trataremos a seguir, a atuação da docente na ala da pediatria do HULW.

2.1 A docente e a classe hospitalar

A pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento do trabalho docente da professora Maria Aparecida Tavares Fialho Bezerra¹, que atua na ala da pediatria com as crianças/adolescentes hospitalizados. A professora Maria foi a responsável por promover o projeto da classe hospitalar na ala da pediatria do HULW; sendo assim, desde 2019, seu vínculo com o hospital é de coordenadora da classe hospitalar, a mesma trabalha em conjunto com uma pedagoga voluntária, que atualmente por motivos de saúde não atua presencialmente no hospital e por isso o seu nome não será divulgado.

Antes de iniciar o relato da atuação da professora Maria Aparecida no espaço hospitalar, é necessário apresentar a sua relação com o ensino. Sendo assim, na entrevista biográfica realizada, a professora contou que sua relação com a educação é desde os seus 10 anos, em que dava aulas de reforço para os colegas que tinham dificuldades na escola, sem remuneração, pois, segundo ela, gostava de ensinar e ajudar, descobrindo assim que queria atuar como professora.

Por esse motivo, a professora deu continuidade aos seus estudos e aos 15 anos formou-se no magistério, na escola de formação de professores de Boa Vista (EFPBV) no estado de Roraima. Assim, apta a atuar de forma remunerada, procurou o secretário da educação do seu município para solicitar uma vaga de professora, conseguindo então o seu primeiro trabalho, por meio de muita insistência, segundo a mesma.

Mesmo sendo o seu primeiro emprego, recebeu o desafio de trabalhar com uma turma de alunos considerados marginalizados, que tinham uma faixa etária de 12 a 16 anos e eram analfabetos. Conforme enfatiza, que após obter sucesso com essa turma, foi transferida para uma outra escola para ensinar uma turma de 5º série. Sua atuação sempre foi com escolas da comunidade e a mesma define essa experiência como essencial para lidar com as adversidades que sempre encontrou durante sua história como professora. A professora não recorda até que ano atuou como professora em Boa Vista-RR, sua cidade natal, mas a mesma foi transferida após o seu matrimônio.

¹ A professora Maria Aparecida deu o seu consentimento para a divulgação do seu nome, assim como os materiais que a mesma disponibilizou.

Após o seu casamento, a professora se mudou e veio para a Paraíba, a partir de todo o seu histórico de trabalho, iniciou seu vínculo com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como professora de Ensino Básico Técnico Tecnológico. A mesma, conforme afirma, sempre teve o sonho de fazer educação física, obtendo assim sua graduação em 1998, o que a motivava para cursar educação física é que esse curso (nas palavras da professora) ensina a trabalhar mente, corpo e psicomotricidade, possibilitando assim o seu trabalho com crianças que possuíam algum tipo de deficiência física.

Ao concluir sua formação em educação física e obter experiência trabalhando com crianças que possuíam deficiências físicas, a mesma decidiu se especializar em educação infantil, participando também de cursos de curta duração em introdução à Pedagogia Hospitalar e tecnologia digitais como recurso pedagógico.

Após a sua especialização e cursos, a professora viajou para São Paulo, para fazer uma visita a filha, nessa viagem visitou uma escola de medicina, sendo essa a primeira vez que teve conhecimento da classe hospitalar, buscando por meio dessa visita compreender o que era e como funcionava. Ao retornar, a professora buscou colaboração para elaborar um projeto de classe hospitalar para apresentar à Gerência de Ensino e Pesquisa (GEP) do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Foi por meio desse projeto que se iniciou o vínculo da professora Maria com o HULW.

A professora Maria Aparecida conseguiu em 2018 a colaboração de outras duas professoras vinculadas à UFPB para a elaboração do projeto da classe hospitalar, sendo a Prof. Dra. Flávia Moura (professora do departamento de psicopedagogia da UFPB) e a Prof. Sandra Valéria (Pedagoga da EBSEH), ambas se afastaram do projeto logo após sua aprovação por motivos de saúde e pessoais.

Atualmente, a professora Maria Aparecida é a coordenadora da classe hospitalar e realiza os atendimentos educacionais, contando com a colaboração da Pedagoga voluntária para a elaboração dos planos de trabalho e relatórios.

O objetivo apresentado no projeto da classe hospitalar foi o de promover a continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escolas da educação básica, que estivessem hospitalizados no HULW, impossibilitados de frequentar o ambiente escolar de forma temporária ou permanentemente. Sendo assim, o projeto foi apresentado com o propósito de cumprir não apenas questões técnicas e legais, mas as responsáveis buscavam

promover o direito de cidadania das crianças/adolescentes que se encontravam internados.

Na introdução do projeto elaborado, conta a história de fundação das classes hospitalares, assim como a sua importância para o aluno hospitalizado, utilizando documentos elaborados pelo MEC para defender a importância da classe hospitalar fazer parte do HULW.

Na justificativa do projeto foi enfatizada a diversidade de pacientes que o hospital recebe, destacando principalmente o fato de receber indivíduos em fase de idade escolar e que permanecem um longo período internados, assim, citando o fato que esses alunos têm a frequência escolar comprometida resultando em seu atraso no ensino, para respaldar a sua justificativa da classe hospitalar no HULW, utilizaram como base o Parecer CNE/CEB nº 17/2001.

Portanto, na apresentação do já citado projeto, foi evidenciado que o propósito da implantação da classe hospitalar é o de garantir o direito à continuidade da educação formal no ambiente hospitalar às crianças e adolescentes que estão matriculados e se encontram impossibilitados de frequentar as aulas devido ao seu tratamento de saúde.

Na definição das atribuições do projeto, acreditando no êxito de firmar uma parceria com a escola de origem do aluno, foram elaborados tópicos para uma melhor organização do trabalho e encaminhamentos das tarefas, em que foram listadas as seguintes responsabilidades:

- i) A escola de origem do aluno: informar o programa básico das disciplinas ministradas de acordo com o período letivo, de forma que o professor da classe hospitalar possa planejar as atividades com os pacientes; fornecer informações quando solicitadas pela equipe responsável da classe escolar; fornecer o calendário de provas e os instrumentos avaliativos a serem aplicados.
- ii) A classe hospitalar: manter os registros administrativos e burocráticos atualizados; fazer o controle da frequência dos professores; oferecer suporte pedagógico aos professores; expedir documentos referentes ao funcionamento da classe hospitalar e dos pacientes; propor ações de formação continuada em parceria com a secretaria de educação.
- iii) O hospital: permitir o acesso aos professores sobre informações do prontuário dos pacientes; oferecer espaço físico e estrutura adequada à instalação da classe hospitalar; assegurar ao professor, sempre que possível, participação em reuniões

de equipe multiprofissional, orientar quanto às patologias dos pacientes que frequentarão a classe hospitalar e as possibilidades de atuação do professor; manter o ambiente limpo e higienizado, diariamente, com utilização dos produtos recomendados à desinfecção, uma vez que são medidas profiláticas para garantir um lugar confiável, seguro, sem risco de contaminação.

A solicitação do espaço adequado para o funcionamento da classe hospitalar incluía um espaço ambientado com recursos e equipamentos próprios do espaço escolar, uma sala arejada, limpa e climatizada. Buscando assim proporcionar a quem vai utilizar desse espaço, um ambiente seguro, agradável, organizado, estimulante ao processo do ensino-aprendizagem. Dessa forma, foi organizada uma lista dos equipamentos e mobiliário necessários para a classe hospitalar, contendo imagens para orientação.

O GEP aprovou o projeto de classe hospitalar no HULW de imediato, recebendo a liberação para iniciar as atividades no primeiro semestre de 2019, visando oportunizar estágio e pesquisas para alunos da UFPB, porém, para cumprir as necessidades da classe hospitalar, necessitava de tempo e recurso financeiro. Mas buscando trazer uma melhora para as crianças hospitalizadas, o atendimento educacional se iniciou mesmo sem ter o espaço adequado, fazendo-se, assim, o uso temporário das salas de aulas que o HULW oferece aos residentes.

A classe hospitalar, infelizmente, não obteve êxito em ter um espaço reservado para os atendimentos pedagógicos, posto que se iniciou uma reforma no hospital no 4º andar, onde se encontrava a ala da pediatria e teria o espaço livre para a classe hospitalar; assim, a ala da pediatria foi transferida para o 7º andar, o que impossibilitou a organização da classe hospitalar, por não haver salas livres. Outro fator que impossibilitou o atendimento na sala própria da classe hospitalar foi o início da pandemia do Covid-19, o que demandava todo o cuidado com a aglomeração e o hospital ficou em estado de superlotação.

Mais um fator negativo na instauração da classe hospitalar foi não ter conseguido a parceria com a secretaria de educação municipal, e não conseguir manter a comunicação com a escola de origem dos alunos. Isso porque quando se iniciaram as atividades no primeiro semestre de 2019, e ainda se adaptavam a realidade do espaço hospitalar, foi necessário iniciar os cuidados a se tomar por causa da pandemia que começava a causar preocupações. Por ter sido um grande problema para a sociedade, em que afetou todo o país, se tinha outras

preocupações consideradas mais importantes, por isso não se teve êxito na parceria com a secretaria de educação municipal.

Além disso, as aulas, em alguns casos, passaram a ser remotas e em outros os alunos perderam todo o ano letivo porque a escola não estava em funcionamento, sendo assim, dá continuidade ao ensino das crianças hospitalizadas nesse contexto não era considerado necessário, posto que no momento a preocupação era que as mesmas sobrevivessem à doença.

A pandemia ainda interfere na atuação da professora Maria Aparecida, pois, além da dificuldade de manter contato com a escola origem, por muitas vezes as crianças não serem da cidade de João Pessoa, as escolas ainda estão se recuperando do período pandêmico, visto que muitas crianças foram prejudicadas, principalmente as de rede municipal, em que todo o foco está sendo para superar os atrasos no ensino, assim, mais uma vez, as crianças hospitalizadas não são tratadas como prioridade.

Todas essas informações aqui apresentadas, foram obtidas por meio do material disponibilizado pela professora Maria Aparecida e sua entrevista biográfica, pois a mesma acredita na possibilidade de futuramente dar continuidade ao espaço próprio da classe hospitalar, posto que atualmente é prestado o atendimento educacional na enfermaria. Além disso, é pertinente ter consciência da realidade do hospital para poder aprofundar na atuação do trabalho docente.

2.2 Atuação da docente no espaço hospitalar

Como já informado, o espaço que era reservado para a classe hospitalar não está ativa no momento, por esse motivo o atendimento pedagógico é realizado na enfermaria da ala pediátrica, em que, dependendo do quadro clínico e da lotação do hospital, ficam de 2 a 4 crianças em cada “quarto”, sendo divididas por faixa etária e gênero, buscando assim proporcionar algum tipo de conforto ao dividirem o espaço com crianças da mesma idade.

Quando está livre, faz-se uso da brinquedoteca que pertence a pediatria e se encontra no 4º andar (que originalmente era a ala da pediatria). Devido a atual reforma, a brinquedoteca está sendo utilizada pelos residentes do hospital, para organizar trabalhos e utilizar os computadores para impressão, posto que algumas salas de estudo estão inutilizadas.

Portanto, a brinquedoteca não está sendo utilizada pelas crianças do hospital, o principal motivo é a dificuldade de locomoção, visto que se encontram em andares diferentes e não é liberado que os indivíduos hospitalizados fiquem se locomovendo em setores distintos. Por isso a professora, em sua rotina, transita entre o 4º e o 7º andar sempre que necessário, quando precisa imprimir atividades ou a utilização de materiais de apoio didático pedagógico que estão disponíveis nesse espaço, como ábacos, material dourado, brinquedos e outros.

O atendimento pedagógico é realizado todos os dias (segunda a sexta), no turno da tarde, das 13:00 as 17:00, pois a parte da manhã é reservada para os exames diários, consultas e os estágios da turma da saúde. Por esse motivo, ao chegar ao hospital, a professora inicia as suas atividades com a observação das crianças, o que a mesma chama de anamnese², em que identifica se algum aluno recebeu alta, qual o nível de interação do paciente no dia, se o mesmo está com condições psicológicas para realizar atividades mais complexas ou se é necessárias atividades mais lúdicas.

Durante a interlocução pedagógica que a professora realiza, ela dialoga com os pais, para que possa compreender como foi a noite do aluno no hospital e se atualizar sobre a situação clínica do mesmo, além disso, a professora busca, através do diálogo, orientar os responsáveis de modo que os deixem tranquilos sobre esse período que o aluno se encontra hospitalizado, posto que a maioria está tão preocupada e com medo, que resulta no estresse da criança/adolescente.

A professora considera vital a participação dos responsáveis durante o processo de ensino, pois as crianças preferem realizar as atividades no turno da noite, sendo esse o horário que a movimentação dos funcionários se reduz e definem como um ambiente esquisito. Assim, esse horário é o que as crianças mais se sentem desconfortáveis, por ser diferente de sua rotina, desse modo, os responsáveis colaboram junto com as crianças na produção de suas atividades, pois identificam que os mesmos se sentem mais confortáveis quando estão estudando, por ser algo que os aproxima do seu cotidiano.

A professora incentiva a colaboração dos pais quando as crianças estão realizando atividades, pois é uma forma de proporcionar conexão entre ambos, de

² A anamnese, na medicina, é o diálogo entre profissional de saúde e paciente. O objetivo da anamnese nesse contexto é de ajudar o paciente a se lembrar da situação e fato que pode estar relacionado a sua doença.

modo que se possa superar as emoções de ansiedade, temor, medo e outros causados pelo hospital. Pois quando os pais participam das atividades, as crianças ficam mais ativas e motivadas, querendo mostrar aos seus responsáveis as atividades que conseguem realizar, sendo notório que as crianças se sentem muito orgulhosas em expor que responderam as atividades que foram passadas para eles.

Portanto, no primeiro contato com as crianças, a professora busca também identificar quais as atividades que as crianças sentem dificuldades e as suas preferências. De modo que as tarefas que as crianças não conseguem realizar sozinhas, a professora dá o devido suporte e à noite elas praticam os conteúdos que dominam, possibilitando assim aperfeiçoar o conhecimento que elas já possuem e desenvolvem bem, e avançar com as demais tarefas que não conseguem realizar.

Essa rotina é feita com os novos pacientes e os que já estão internados, posto que com todos a professora tem o mesmo objetivo, o de proporcionar o desenvolvimento de suas aprendizagens respeitando seu quadro clínico, de modo que possa trazer alegria e vitórias para o aluno por meio do ensino, proporcionando a convicção que a sua realidade atual é temporária e que, assim, quando o mesmo voltar às suas atividades normais, possa valorizar a educação e as oportunidades que pode obter por meio deste.

Após a primeira interação, em que é realizada a sua observação geral para definir quais atividades aplicar com as crianças, a professora seleciona as atividades que são preparadas antecipadamente e entrega às crianças, aos quais a mesma explica como realizar a atividade, e após, é feita a correção, sendo entregues outras tarefas para que possam fazer a noite. As crianças que precisam de alfabetização, a professora dedica um pouco mais de tempo, trabalhando durante 30 minutos algumas palavras com os mesmos e deixando alguma atividade complementar para que treinem o som das palavras.

Na atuação da docente, pode-se notar que a base é a comunicação, tanto com as crianças como com os responsáveis. A mesma aproxima os pais no sentido de que eles possam colaborar na comunicação da professora com as crianças que estão mais agressivas, sendo fundamental para compreender qual é a doença das crianças, seu histórico escolar, o percurso até conseguir uma vaga no HULW e as dificuldades que estão enfrentando nesse processo de hospitalização.

Considerando que o hospital possui uma quantidade considerável de funcionários, além de receber residentes e outros pesquisadores, a professora

mensalmente elabora o que a mesma intitula como jornal informativo, para que os pais compreendam qual é a função que ela desempenha e entendam a sua metodologia, evitando assim que confundam a mesma com algum outro profissional do hospital.

Além disso, por meio do jornal, os pais podem compreender a importância do trabalho da professora na ala da pediatria, trazendo não só alívio aos mesmos, ao saberem que seus filhos não serão prejudicados nesse período de afastamento, mas também esse informativo sobre a atuação docente proporciona que os mesmos busquem esse atendimento, posto que a maioria não tem conhecimento que esse é um direito do aluno, de ter a garantia ao ensino.

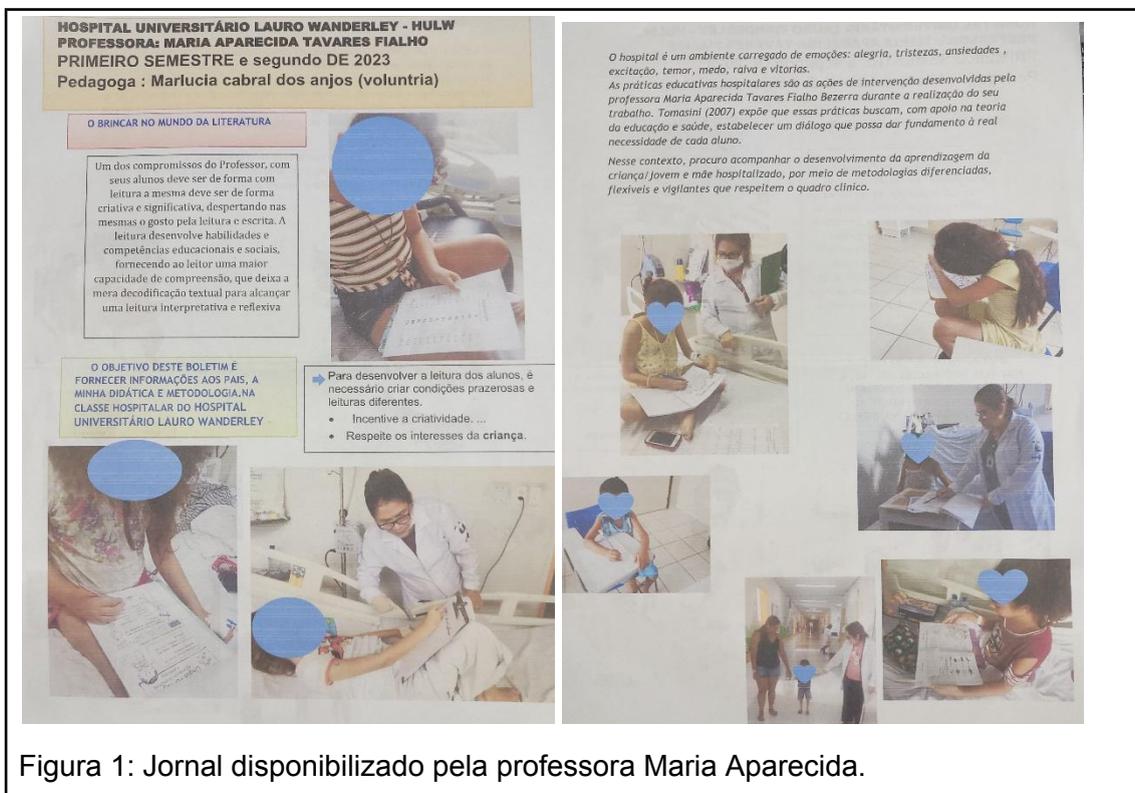


Figura 1: Jornal disponibilizado pela professora Maria Aparecida.

A professora coleta, por meio do diálogo, informações sobre a realidade econômica das pessoas que dão entrada no hospital, de modo que se possa compreender o perfil das crianças e a possibilidade de colaboração dos pais. É por meio dessa ação que a professora consegue descobrir a verdadeira necessidade do aluno, um exemplo disso, foi o caso de um paciente que vivia em uma comunidade de extrema pobreza sem acesso à escola, em que tanto o aluno como o responsável não tinham noções de higiene.

Esse caso (para orientação irei me referir como caso 1) é muito importante de ser destacado, pois a atuação da professora foi essencial para o êxito no trabalho dos profissionais de saúde, o acontecimento foi um pouco após o fim da pandemia, a criança chegou em estado grave à pediatria, com sintomas de vômito, diarreia e desidratação. A criança era agressiva quando tentavam contato, mas, nos demais momentos, era calada e reservada, assim como a mãe. O atendimento médico estava sendo difícil porque se tinha suspeitas da causa da doença, mas a mãe não colaborava com informações, isso mudou após ver o trabalho da professora.

Inicialmente, assim como os demais funcionários que tentaram contato, a professora não foi bem recebida, mas, após observarem o atendimento da mesma, em que brincava, conversava e tirava dúvidas, veio o êxito. Tanto a mãe como a criança começaram a rir das brincadeiras que a professora realizava com os outros pacientes, possibilitando assim que a professora interagisse com eles.

A primeira a se comunicar com a professora foi a criança, a mesma se interessou pelas atividades que ela passava e pediu para entender o que era, dessa forma a professora descobriu que ele não frequentava a escola. Assim, a mãe contou que, por não ter material de higiene, tinha vergonha de mandar o filho para a escola, pois as pessoas diziam que ele era fedido e por esse motivo o menino era agressivo, pois não gostava que as pessoas se aproximassem. Dessa forma, a professora, por meio de doações, montou uma maleta com produtos de higiene básico e realizou uma aula sobre o assunto, ensinando a criança a se lavar corretamente, e incentivando a mãe a matricular seu filho na escola. Além disso, após o desenvolvimento da interação, eles ficaram mais receptivos com os demais funcionários, facilitando a aplicação de remédios e exames.

Pensando nos usuários carentes do hospital, as professoras elaboraram o Projeto Philos, que busca parcerias para doações de produtos de higiene e material didático escolar, sendo entregues aos pacientes e acompanhantes que dão entrada no hospital e também aos pacientes que já receberam alta, mas necessitam dessa ajuda para continuarem os estudos. Além do mais, sempre que necessário é realizada aula sobre higiene, que, de forma bem lúdica, a professora explica todo o processo de como se lavar de forma adequada, assim como escovar os dentes, pentear o cabelo, entre outros ensinamentos. Na figura 2, apresentamos um dos textos que a professora utiliza em sua aula.



Figura 2: Material disponibilizado pela professora Maria Aparecida.

O caso 1 é um exemplo do que a professora Maria Aparecida quer afirmar quando disse em sua entrevista:

A classe hospitalar tem por finalidade oferecer apoio pedagógico às crianças/adolescentes internados na unidade de pediatria, possibilitando o desenvolvimento de práticas lúdicas-educativas que contribuem para o processo de humanização nesse ambiente permeado por dor e sofrimento, e que as ações curativas da enfermidade não bastam para dar ao paciente a qualidade de vida almejada enquanto este estiver em tratamento, e para isso os serviços de humanização são muito importantes, pois promovem um ambiente que favorece as relações entre pacientes e equipe de profissionais da saúde e familiares, e asseguram os direitos da criança nos aspectos físicos, cognitivos e afetivos.

Uma demonstração da boa recepção do trabalho da professora é o fato de até os pais solicitarem atividades para eles também fazerem, corrigindo juntamente com os seus filhos no dia seguinte. A autora deste trabalho presenciou uma situação do filho corrigindo a tarefa do pai e o ensinando. Destacando assim que, graças ao acompanhamento educacional, facilmente os pais e as crianças superam o ambiente em que eles mesmos definem como ruim, tornando o espaço mais aprazível para desenvolver o aprendizado de ambos, o que possivelmente não seria possível em uma situação normal do seu cotidiano.

O material utilizado é bastante lúdico, com o objetivo de tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso e motivador. Nas atividades, as crianças pintam imagens, fazem relação do texto lido com as imagens que estão presentes. A professora busca deixar o material o mais atrativo visualmente possível, de modo que, quando o aluno receber a atividade, não se sinta pressionado ao relacionar com o conteúdo que recebe na escola (considerando que uma maioria não tem uma

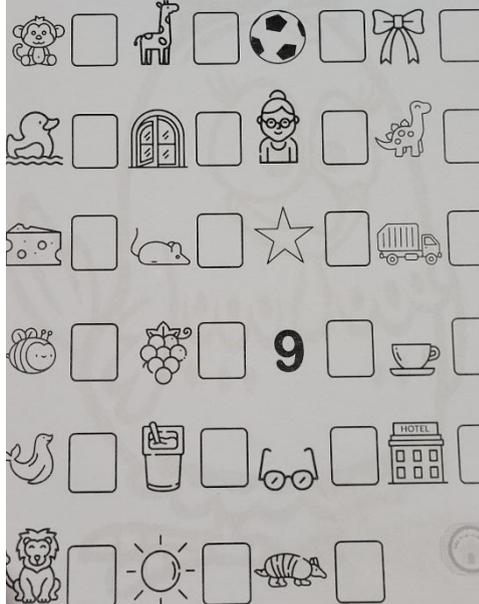
boa experiência), mas que identifique nessa tarefa a possibilidade do seu desenvolvimento.

As disciplinas bases que se utiliza é português e matemática, com a possibilidade de trabalhar as demais disciplinas de forma interdisciplinar, por isso que o material consiste em textos, caças palavras, imagens para colorir e desafios do tipo que se encontra na internet. Por meio dessas atividades, a professora busca desenvolver as habilidades cognitivas, socioemocionais e motoras. Portanto, esse material possibilita desenvolver a atenção, memória, raciocínio lógico, resolução de problemas e outros. Objetivando, assim, proporcionar ao aluno o máximo de apoio ao realizar as suas atividades curriculares, de modo que o ambiente do hospital não o desmotive por estar afastado de suas atividades do cotidiano.



ALFABETO

ESCREVA A LETRA QUE REPRESENTA O SOM INICIAL DE CADA DESENHO.



Nome: _____ Data: ____/____/____

A boneca de Maria

Maria é uma linda menina que gosta muito de brincar. Maria tem uma boneca que se chama Malu. Malu é uma boneca feita de pano. Quem fez Malu foi a vovó Ziza. Maria ama brincar com a Malu.

Kátia Teixeira

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Quem é Maria?	
2. O que Maria gosta de fazer?	
3. O que Maria tem?	
4. Qual é o nome da boneca de Maria?	
5. Quem fez a boneca?	
6. De que Malu foi feita?	

Figura 3: Maleta da leitura utilizado pela professora Maria Aparecida.

A professora Maria Aparecida publicou na revista *Brazilian Journal of Development* um estudo na modalidade relato de experiência, o seu trabalho é intitulado “Pedagogia hospitalar: implicações na saúde e educação de crianças e adolescentes”, e busca fundamentar a importância da classe hospitalar e conta um pouco de sua história durante sua atuação na ala da pediatria do HULW, aborda a sua prática e a participação de outros responsáveis. A professora destaca:

(...) estudar, brincar, desenvolver e dialogar, faz parte da pedagogia hospitalar, e esses direitos precisam ser respeitados por todos. Os familiares necessitam ser totalmente envolvidos e acolhidos neste processo educativo. Em todas as atividades, eles estavam presentes, pois estão totalmente inseridos no cuidado e na educação das crianças e adolescentes hospitalizados. (Bezerra, 2023, p. 3033).

Lembrando que é fundamental que a família faça parte do processo de ensino, seja na escola ou em qualquer outro espaço, pois a educação é um processo que se desenvolve em conjunto, de forma que a escola possa trabalhar em conjunto com a família e comunidade.

Durante a pesquisa, ao apresentar a pesquisadora e informar o motivo da presença no atendimento do dia, um pai se interessou em dar sua opinião sobre o trabalho da docente, o seu relato foi que:

A professora explica os deveres para as crianças, orienta a fazer, tira as dúvidas para ele não ficar sem estudar, quando o menino tá concentrado lendo o texto, ele se distrai e até esquece que tá aqui, eu dou maior valor a essa ideia de ter uma professora neste hospital, porque ver que ajuda bastante. (depoimento de um pai que estava acompanhando o filho³)

Sendo assim, a professora Maria Aparecida, em sua prática, procura resgatar o compromisso da família com a educação, em que nesse processo de internação ambos se lembrem de qual é o papel da educação em suas vidas, desenvolvendo então a cidadania do aluno hospitalizado e também dos seus responsáveis, assumindo o compromisso de dar o suporte que o seu filho necessita.

Portanto, o trabalho da professora não finaliza quando o paciente recebe alta, pois a mesma se compromete em ajudar o aluno no que for necessário, onde, em alguns casos, as crianças entram em contato para tirar dúvidas de como realizar as atividades passadas na escola, pois não conseguem pagar um reforço e sem a ajuda da professora, eles não conseguem acompanhar os seus colegas de classe.

Ao dialogar sobre os desafios que se encontra na sua atuação no espaço hospitalar e a necessidade de resiliência, a professora pontua quais atitudes tomar no seu dia-a-dia para fortalecer a sua capacidade de lidar com as adversidades e a das crianças:

Busco escutar o que as crianças e os adolescentes sentem diante de situações difíceis, permito a expressão dos seus sentimentos de tristeza, raiva e medo. Ofereço apoio necessário para os mesmos se sentirem seguros, estímulo a terem iniciativas para criação de saídas e busca de soluções para os problemas e procuro estar perto e sentir suas emoções promovendo momentos de diversão. (Entrevista com a professora Maria).

Assim, a professora defende que a atuação do educador deve ter a prática humanizada, principalmente no espaço hospitalar, levando em consideração o quadro emocional da criança hospitalizada por estar passando por uma experiência estressante, mas que saiba contornar esse quadro para trabalhar a humanização do aluno, desenvolvendo a capacidade do mesmo de lidar com esse momento difícil e saber como lidar com os estudos após receber alta.

³ Esse relato foi obtido por livre e espontânea vontade do pai que estava como acompanhante, após falar pela primeira vez, solicitei gravar o seu depoimento e recebi a permissão do mesmo. Esse foi o único depoimento obtido durante a pesquisa, posto que os demais pais interagem apenas com a professora.

2.3 Planejamento das atividades

O atendimento educacional tem como documento base o projeto da classe hospitalar, que possui uma fundamentação teórica com recomendações do MEC, por esse motivo não se fez necessário a elaboração de um projeto político pedagógico, praticamente substituindo com a elaboração de planos de trabalho apresentados de forma semestral.

O plano de trabalho é elaborado com o objetivo de identificar e descrever, de forma resumida, as atividades que serão realizadas pela equipe que desenvolve o trabalho da classe hospitalar, considerando que o projeto da classe hospitalar tem por finalidade oferecer apoio pedagógico às crianças/adolescentes internados na pediatria do HULW. O plano de trabalho desenvolve atividades escolares de acordo com a necessidade constatada.

Portanto, a responsabilidade de elaboração do plano de trabalho é da professora Maria Aparecida (atualmente coordenadora do projeto) e da pedagoga voluntária, as duas elaboram juntas. A atual pedagoga voluntária entrou para substituir a pedagoga Sandra Ximenes, que apresentou inicialmente o projeto da classe hospitalar juntamente com a professora Maria, porém, após a perda do seu esposo durante a pandemia, a mesma não conseguiu mais trabalhar no hospital. Assim, a atual pedagoga assumiu o compromisso de atuar juntamente com a professora Maria para darem continuidade ao projeto, sendo obrigatório a participação de um pedagogo.

Para a elaboração do plano de trabalho, as professoras consideram a realidade que enfrentam, buscando atividades que sejam possíveis de aplicar no espaço hospitalar com os recursos escassos que se tem, a pedagoga afirmar que

O planejamento dentro do ambiente da classe escola é desafiador, considerando que o mesmo deve estar pautado nas patologias e necessidades da criança, como a idade e o ano escolar, bem como o currículo expresso para educação básica, que buscamos dar continuidade ao ensino aprendizagem. (Fala da pedagoga voluntária, em diálogo via whatsapp com a pesquisadora.)

Assim, o plano de aula envolve o dia-a-dia das crianças/adolescentes, auxiliando na sua aprendizagem em que utilizam de diferentes estratégias como: jogos, brincadeiras, músicas, oralidade e outros.

Por conta da rotatividade das crianças que varia de acordo com a patologia individual, não seria possível a elaboração de atividades que fossem individualizadas, de acordo com o conteúdo que acompanhava na escola de origem levando em consideração que demoraria obter um retorno da mesma. Mas, considerando a importância do acompanhamento pedagógico como já foi evidenciado, a solução foi preparar as atividades de forma prévia, elaborando tarefas diversas para diferentes faixas etárias.

Sendo assim, são elaborados de forma antecipada fichas de leitura, roteiros de produção textual, indicações de desenho e pintura, colagem, exercícios de raciocínio lógico-matemático, todas atividades que podem ser trabalhadas com uma diversidade de alunos,

As atividades que as crianças hospitalizadas realizam não estão submetidas a requisitos avaliativos para gerar nota, pois o objetivo do atendimento é o de desenvolver sua aprendizagem e seu senso crítico, superando a adversidade que se vive no momento por meio do ensino. A professora Maria Aparecida justifica que “o espaço hospitalar não cabe dar nota às crianças, pois a nota só serve para os deixar deprimido e comparar com os outros, aqui eles não estão indo para outra série, estão evoluindo enquanto ser humano”.

A professora fornece, com periodicidade bimestral, um relatório de acompanhamento ao GEP, relatando os acontecimentos gerais de forma resumida, informando se houve mudança no planejamento e quais as contribuições propiciadas aos pacientes. Em função desse relatório, mantém-se ativo o projeto da classe hospitalar.

2.4 Inferências analíticas da pesquisadora

Essa pesquisa foi realizada conciliando o saber teórico com o acompanhamento da prática da professora Maria Aparecida, por meio da observação participante. Foram 5 dias de observação, em que acompanhei a atuação da referida professora, a sua escolha da aplicação de atividades, como é realizado a interlocução pedagógica e a sua relação com os pais e os demais profissionais do HULW. Além disso, outro recurso que utilizei para compreender a prática da professora foi o material que a mesma me disponibilizou, que foram os seus relatórios e os seus trabalhos publicados.

Como toda pesquisa, a análise documental é indispensável para a obtenção de dados, esse instrumento foi utilizado com o objetivo de compreender a real necessidade da classe hospitalar, a importância da continuidade das práticas educativas, o desenvolvimento do trabalho educacional nesse espaço e as orientações governamentais para o desenvolvimento do trabalho do professor. Desse modo, nas observações, buscou-se observar esses aspectos, para que assim fosse possível interpretar como é realizado o trabalho docente fora do espaço escolar.

Por meio da análise dos documentos que a professora disponibilizou, foi possível identificar o seu compromisso com a educação e a prática humanizada, ou seja, em sua atuação a professora busca continuar desenvolvendo os saberes prévios do aluno, em que mesmo não possuindo contato com a escola, desenvolve os conteúdos que a criança deveria estar estudando.

Além disso, em seus relatórios, é notório o respeito que a mesma tem com a patologia do hospitalizado, se preocupando em respeitar os sentimentos do aluno e suas dificuldades, a professora utiliza de situações cotidianas do hospital para desenvolver a autonomia do aluno e assim trabalhar a sua criticidade, de modo que a criança possa compreender que ela tem um papel fundamental em seu processo de cura, seja cooperando com o trabalho dos médicos até a tomar as medicações no horário adequado.

Nas observações, foi possível identificar que pais e alunos se sentem mais confortáveis com a presença do educador, identificam na professora a possibilidade de ser sua confidente, desabafando assim as suas preocupações e indagações. Isso é resultante do fato de que a professora é o que os aproxima do seu cotidiano, os fazendo acreditar está mais próximo de um dia normal, além disso, a profissão de professor dá aos que se encontram no hospital confiança, talvez por considerarem mais próximos, todos os pais mostravam respeito à educadora, se sentindo seguros com a mesma.

Mesmo nos casos de curta internação, a presença da professora é motivo para alívio na sala da enfermaria, quando a mesma chega é recebida com muita alegria, e as crianças querem mostrar o resultado de suas atividades. É possível que, na escola, os responsáveis e as crianças não valorizem os seus professores, mas, no hospital, há conexão com a professora na esperança de logo mais receber

alta, pois esse vínculo com a docente resulta no sentimento de pertencimento dessas crianças hospitalizadas, resultando em um período de internação mais fácil.

Inicialmente não consegui compreender o planejamento de atividades das professoras, posto que considerei um conteúdo muito simples levando em consideração a faixa etária das crianças. Porém, por meio da observação, conclui que não há possibilidade de exigir das crianças hospitalizadas tarefas de grande complexidade devido ao estresse do hospital e o seu pouco grau de instrução, isso porque, como dito anteriormente, a maioria dos que frequentam o hospital são de grupos carentes e de interior, portanto, a maioria das crianças não estão no ano escolar adequado para sua idade.

Outro fator para as atividades não serem de grande complexidade, é que a professora compreende que, nesse processo de hospitalização, é indispensável respeitar o tempo do aluno, o que significa que atividades com textos longos e interpretação vai deixá-lo psicologicamente cansado, sendo assim, o foco do acompanhamento pedagógico é proporcionar ao aluno as aprendizagens básicas para ser um cidadão ativo, que consiga interpretar as informações expostas ao seu redor, ou seja, é trabalhado com o aluno a leitura fluente, a escrita e cálculos matemáticos, todos conteúdos que são necessários para sua vida em sociedade.

Algo que me causava inquietação sobre a atuação do docente no espaço hospitalar era saber qual o limite da ética do professor, levando em consideração que se está lidando com pessoas que estão fragilizadas devido o processo de internação, e por não ser um ambiente próprio do professor pudessem não ver no mesmo a autoridade que possui e confundir qual o seu papel nesse espaço.

Sabe-se que a ética não é uma lei com regras, como pontuam Macedo, Caldas e Fonte: "(...)A ética profissional tem embutida, em seu corpo epistemológico, a reflexão sobre a práxis, base de sua construção é necessária para todo aquele pedagogo que desenvolva suas atividades, quer seja no espaço escolar ou não" (2017, p.186). Desse modo, identifiquei que, no contexto hospitalar, a ética do docente é fundamentada pelo processo de ser e se tornar humano, respeitando os sentimentos de angústia dos indivíduos e deixando evidente que em todo momento a educação é um ato de se construir.

Infiro que, independentemente do período de internação, devemos garantir o direito da criança ao ensino, identificando não como uma oportunidade de continuar sua formação profissional, mas sim a de proporcionar a conquista do conhecimento.

Tenho a opinião de que a educação tem sido vista praticamente apenas como uma formação para trabalho, desconsiderando que esse é um bem para o cidadão, posto que, como é repetidamente dito no âmbito das pesquisas, “o conhecimento liberta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta pesquisa, relatei sobre a falta de conhecimento das pessoas referente à atuação do professor no espaço hospitalar, citando também que minha justificativa pela escolha do tema, enquanto acadêmica, era o de contribuir por meio dessa pesquisa com as discussões da atuação do educador em diferentes espaços de trabalho, assim como incentivar meus colegas de curso a se interessarem pela área.

Por esse motivo, durante a realização dessa pesquisa, frequentando o hospital e observando a presença de estudantes da UFPB de outros cursos, me questionava: porque não se tem a participação de estudantes do Curso de Pedagogia no referido hospital?

Obtive essa resposta por meio do diálogo com o Dr. Pablo Leonid, atual chefe da Unidade de Gerenciamento de Atividades de Graduação, Ensino Técnico e Extensão (UGETE), que me foi apresentado pela professora Maria Aparecida.

Quando citei essa minha dúvida para o Dr. Pablo, ele relatou que o hospital está aberto para todo estudante ou pesquisador, independente de sua área. Porém, o fato de não se ter estudantes da área da educação no hospital é que não se tem a procura dos mesmos. Inclusive, o Dr. Pablo relatou que seria muito interessante ofertar estágios para estudantes da área de educação, pois o mesmo já conhece o trabalho da professora Maria Aparecida, e assim como outros funcionários do hospital que teve contato, Dr. Pablo reconheceu a importância da atuação da professora na pediatria, afirmando que, antes dela, as crianças não eram tão receptivas, por ter medo dos profissionais da saúde.

Penso que, em parte, a falta de interesse dos estudantes de graduação para atuar em outras áreas, é por, muitas vezes, não terem conhecimento da possibilidade de estágio, como nesse caso, que não se tem estágio no HULW porque até então não se teve procura dos professores dos cursos ou dos alunos.

Destaco que o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso de pedagogia do Campus IV não tem perspectiva consolidada sobre a possibilidade de atuação em outros setores que não seja a educação escolar⁴. Por outro lado, os alunos também

⁴ Essa era uma realidade do antigo PPC, no qual fiz parte da última turma ingressa, em 2018. O curso de Pedagogia tem uma nova composição curricular, no qual em seus conteúdos complementares obrigatórios é ofertada a disciplina "Organização e prática da ação educativa e espaços não escolares". E no novo PPC destaca a atuação do professor em espaços não escolares.

devem buscar informações a respeito de todos os espaços de atuação do pedagogo e onde a prática educativa acontece.

Enquanto estudante de graduação de Pedagogia, posso afirmar que, durante os meus estágios, participação em eventos, cursos de extensão e afins, não é comum citar a participação do pedagogo em outros espaços, e o próprio curso não verticaliza um enfoque para essa área. Circunscribe-se às demandas da educação escolar/ensino básico e à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Posto isto, com a realização deste trabalho, a título de contribuição, deixo como sugestão que se busque a atuação do pedagogo em outros espaços de trabalho. E que os atuais e futuros ingressantes do Curso de Pedagogia compreendam que o seu fazer profissional é essencial tanto na educação formal, como na não formal e informal, sendo indispensável para a existência de cidadãos ativos e uma sociedade humanizada. E que não esqueçamos que a educação deve nos libertar das amarras que nos aprisionam e que buscam nos controlar, devendo nos formar como cidadãos autônomos e críticos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria Aparecida Tavares Fialho. Pedagogia hospitalar: implicações na saúde e educação de crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.q, p.3024-3034, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/download/56329/41381> . Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, MEC, 2002.

BRASIL. **Lei Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13716.htm. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

CECCIM, Ricardo Burg. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio Revista Pedagógica**, v. 3, n. 10, p. 41-44, 1999. Disponível em: <http://cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf> . Acesso em 30 de julho de 2023.

FERREIRA, Mayara Kelly Moura. et al. Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar. Artigo. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 639-655, set. /dez, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/dhMxnn6JmV5SXmyjd4JVkgm/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 30 de julho de 2023.

FONSECA, Eneida Simões da. A Situação Brasileira do atendimento Pedagógico-Educacional Hospitalar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun., 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JyyRPGpGDGtWVKHTd7RBqsb/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 01 de setembro de 2023.

FONTES, Rejane de Souza. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Brasil, n. 29, p. 119-138, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gJN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/?lang=pt> . Acesso em: 01 de setembro de 2023.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Entrevista Biográfica. **III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica**. Natal: Edfurn, 2008. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-entrevista.pdf> . Acesso em: 19 de novembro de 2023.

HOLANDA, Eliane Rolim; COLLET, Neusa. As dificuldades da escolarização da criança com doença crônica no contexto hospitalar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 381-389, abr. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/r6vrZypZqSWg53yJLSWgYQJ/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 25 de julho de 2023.

HOLANDA, Eliane Rolim; COLLET, Neusa. Escolarização da criança hospitalizada sob a ótica da família. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 34-42, jan. /março. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9y6KybZ5cgjbBY5gS3FDDdn/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 25 de julho de 2023.

LEITE, Ivonaldo. O pedagogo e o cientista da educação. **Revista Momento**, Rio Grande/RS, n. 18, p. 113-123, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/ivona/Downloads/753-Texto%20do%20artigo-1501-1-10-20080610.pdf> . Acesso em: 28 out. 2023.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxxQgnS/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 30 de julho de 2023.

MACEDO, Sheyla; CALDAS, Iandra; FONTE, Francicleide. O pedagogo no espaço hospitalar: sua formação ético-profissional. In: LEITE, Ivonaldo (org.). **Educação e Sociedade: Perspectivas Sobre Saúde, Ambiente e Formação**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MYNAIO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho. História da classe/escola hospitalar: no Brasil e no mundo. In: Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação, IV, 2015, Brasil. **Anais de evento**. Campina Grande: Realiza Eventos Científicos & Editora, 2015. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA5_ID143_05052015093744.pdf . Acesso em: 20 de julho de 2023.

Relatório de Gestão 2022. Hospital Universitário Lauro Wanderley. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hulw-ufpb/governanca/relatorios/relatorio-de-gestao-2022/view> . Acesso em: 15 de outubro de 2023.

APÊNDICE – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- 1- Relação com os pais;
- 2- Recurso didático utilizado;
- 3- Didática docente;
- 4- Cartilha-material de conteúdo;
- 5- Espaço/infraestrutura;
- 6- Administração do tempo;
- 7- Avaliação;
- 8- Ludicidade;
- 9- Projeto pedagógico;
- 10- Relatório de acompanhamento;
- 11- Relação do Campus com o hospital.